

A Illustrada Redacção d' A Provincia de São Paulo
L. Barreira S. S. 020021

76-459

O NEOPHYTO

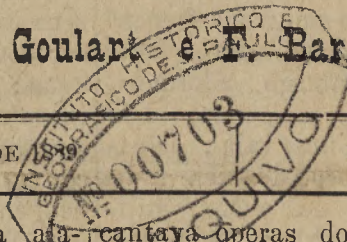
ORGAM LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

Redactores--Frontino Guimarães, A. Goulart e F. Barreto

ANNO I

S. PAULO, 12 DE JULHO DE 1849

N. 2



O NEOPHYTO

Como promettemos no primeiro numero, o *Neophyto* vem, pela segunda vez, combater no vasto campo da imprensa, e este combate que ora trava, é sobre uma momentosa questão de actualidade, qual seja aquella que se refere á instrucção publica nesta provincia.

E' realmente, de todos os problemas sociaes, que no momento actual, devem ser tratados com acurado estudo, salienta-se o da instrucção publica, porquanto só elle tende a elevar o nivel moral de um povo, de uma raça, de uma nacionalidade.

E' a instrucção, que abre novos horizontes áquelles que ainda estão envoltos nessa nuvem negra que se chama ignorancia.

Se á patria dos nossos avós, com um rasgo de penna, viu varrer-se do seu sólo, a maior ignominia de um povo—a escravidão, tambem é de esperar que algum dia, e talvez não esteja longe, ella veja raiar para si—uma nova éra de liberdade e de progresso, cimentando em todas as camadas sociaes, o verdadeiro principio da elevação moral de um povo, o que só se conseguirá com a instrucção, que, no dizer de

um erudito escriptor, é a avançada da civilisação destruindo os muros da ignorancia.

Entretanto, os poderes publicos nada têm feito em relação á magna questão da instrucção publica.

Caminham ás cegas, nem ao menos pelo tacto, tratam de procurar a causa desse descalabro medonho, que vai pouco a pouco minando as nossas instituições.

Não ha escolas ; não ha mestres ; não ha discipulos. Esta grande verdade foi escripta por um distinctissimo funcionario publico. E de facto, as estatisticas, os concursos de politicagem e os latibulos infectos, em que funcionam as nossas escolas publicas attestam exuberantemente a verdade do conceito acima expotto.

No proximo numero continuaremos a esgrimir sobre o mesmo assumpto.

A REDACÇÃO.

DOR E ALEGRIA

A FRONTINO GUIMARÃES

Fui a um baile. Estava repleto de cavalheiros distinctissimos, familias importantes, jovens esperançosos, etc.

A dança estava animada. Ao terminar cada quadrilha, uma das donzellas, ao maviosom de um optimo piano,

cantava operas dos melhores auctores.

Emfim, esteve uma festa mais que imponente.

Eu, porém, no meio dessa festa, onde reinava demasiada alegria, estava triste, pensativo, magoado ; de modo algum tomei parte no divertimento. Muitas pessoas instavam para eu dansar. Eu apenas respondia-lhes : E' impossivel ! Nenhuma palavra mais podia articular porque uma torrente de lagrimas inundava-me as faces e um doloroso suspiro brotava do meu coração.

Si eu derramava lagrimas, si eu chorava, era porque havia no meu cerebro algum pensamento triste. Na verdade ! No mesmo lugar na mesma sala onde havia festa, onde dansava-se alegremente, onde moças, com suas vozes brilhantes, cantavam operas de immortaes maestros, taes como Verdi, Carlos Comes e Mozart, este grande homem que morreu no verdor da idade; contando apenas 36 annos ; nessa mesma sala viam-se, ha um anno, a tristeza e a desolação !

Foi ahi que eu vi uma terna mãe cahir, banhada em pranto, abraçando o corpo inerte de seu adorado filho !

Foi ahi que eu vi uma irmã extremosa, fulminada por uma syncope, cahir ao chão pronunciando, pela derradeira vez, o nome do seu mallogrado irmão !

Foi ainda ahi que eu vi, estendido por terra, já sem

vida, o meu amigo sincero, esse a quem, de meus pais, eu mais amava neste mundo !

Eis porque estava triste, eis porque chorava !

Não podendo mais conter os prantos, retirei-me do baile.

Chegando em casa deitei-me e, impressionado com o facto que dera commigo, adormeci. Sonhei :

Estava n'uma sala ; de um lado via o corpo do meu inditoso amigo, de outro, anjinhos que, em khoro, cantavam hymnos.

Pouco tempo depois os anjinhos rodearam o cadaver e, segurando-o, levaram-n'o para o céo.

Então o meu amigo, quando já estava bem no alto, disse-me o ultimo adeus !

Aquella sala que fôra testemunha de uma dôr intensa, mais tarde fôra tambem testemunha de uma alegria demasiada !..

S. Paulo, Julho de 89.

ARTHUR GOULART.

A viagem do mar

Que linda virgem - aquella que anda sempre beira do mar !

Mas... vejo-a sempre pallida !? Quo terá ella ? Parece soffrer algum desgosto ! Mysterio ! Sómente sei que essa bella virgem amou loucamente a um joven que, mais tarde, morreu afogado nas aguas do mar. Justamente no dia em que fazia um anno que succumbira o seu infeliz amante, via-se a virgem, pensativa, assentada sobre a praia do mar.

Prém, de repente, levantou-se, fitou o céo, benzeu-se e atirou-se ás aguas. As ondas abriram alas e fizeram uma sepultura para a virgem que tambem não pertencia mais a este mundo, e para unir-se ao seu amante que, ha um anno, puzera termo á vida.

FABIO CARRETTO.

Esmeria

A JOAPINO

I

Esmeria era uma jovem que apenas contava 18 annos. Os seus cabellos flavos cahiam em caracões sobre as suas espaldas ; os seus olhos azues brilhavam no seu rosto gentil assim como as estrellas no espaço, em noutes calmas e serenas, em summa, era Esmeria um primor da natureza.

II

Uma tarde caminhava ella, toda pensativa, para a praia,.. Quando lá chegou, dirigiu-se a um rochedo, onde as familias do lugar reuniam-se ás tardes, afim de contemplar o infinito e magestoso oceano.

Esmeria assomou ao rochedo e ao mirar o oceano, viu ao longe um escaler que, vagarosamente, caminhava em direcção a ella. As lagrimas humedeciam-lhe as faces, porque approximava-se o momento em que ella ia abandonar a casa paterna, afim de acompanhar a um jovem que fazia-lhe protestos de amor e promettia ser seu esposo.

III

Guilherme, rapaz moreno, de olhar expressivo, porém um tanto sensual, não se fez esperar : encostou o escaler á praia e foi ter com Esmeria. Chegou junto della e, tomando-lhe a mãozinha delicada, beijou-a e depois exclamou : Esmeria ! quanto sou feliz em possuir o teu amor !

Vem, acompanha-me ; abandonemos estas praias para, longe, bem longe, gosarmos no nossos amores,.. Esmeria não se movia, e as lagrimas continuavam a regar-lhe as faces. Esmeria, porque choras ? A caso não te julgas feliz ?! perguntou Guilherme. Esmeria continuava immovel. Guilherme tornou a beijar-lhe a mão e disse-lhe : adeus, Esmeria ; não mais penses em Guilherme, Esmeria, ao ouvir esta ul-

tima palavra, abriu os braços e estreitando a Guilherme, desmaiou. Este, aproveitando-se do estado de Esmeria, condul-a ao escaler. Depois toma o remo e manejando-o, desapareceu no oceano com o seu anjo adorado !

FRONTINO F. GUIMARÃES.

S. Paulo, Junho de 89.

A QUEM EU AMO

Muitas vezes eu tenho vontade de morrer, porém ao mesmo tempo sinto deixar o mundo, porque nelle deixo a metade da minha vida.... é a minha amada.

ARTHUR GOULART.

O FELIZ INFELIZ

A MANOEL G. CARVALHAL

A natureza tem, ás vezes, rasgos de generosidade !

Ella que, raro, favorece a alguem ; que, de ordinario, é taprichosa, cruel, desapiedada mesmo, mostrou-se generosa, um tanto prodiga para com Julinho ; fêl-o de seu escritorio e nelle depositou muitos dos seus preciosos dotes.

De facto, Julinho era um prodigo. Frequentador do *high-life* paulistano ; habituê das reuniões, das festas, era elle um moço em extremo sociavel ; amava abertamente a sociedade, o contacto com seus semelhantes, abhorrecia declaradamente a solidão.

Era, principalmente, nos bailes, que constituíam as suas delicias, que elle dava franca expansão ao seu genio extraordinario, que elle punha em execução os seus dotes : era o alto, o fóco para onde convergiam o espanto e a admiração de todos que vinham-n'o na conta de um ente perfeito, de um ente feliz.

Gostosamente, atravessava Julinho essa épokha de doçuras, quando a fatalidade,—essa hydra implacavel e pavorosa, assentou de sancionar o conhecido adagio : não ha bem que sempre dure, etc.

Na realidade, dias depois de assistir a um baile, começou-se de notar certa melankolia em Julinho.

A sua casa, pouco antes, ninho de alegria, ponto de reunião dos amigos que, em saborosas conversações, passavam horas e horas com o sorriso galhofeiro nos labios, havia-se metamorphoseado em uma clausura habitada por um monge meditabundo.

Julinho era outro ; de alegre, jo-

INSTITUTO HISTÓRICO
BIBLIOTECA DE S. PAULO

vial, prazenteiro que era, tornara-se triste, acabrunhado, taciturno.

Todos notavam, com estranheza e surpresa, o seu estado.

Em vão, procuravam remontar-se à causa; era um mysterio.

Neste estado de cousas, escoavam-se alguns dias.

As torturas daquelle coração e a prostração daquelle espirito haviam chegado ao seu auge, requeriam prompto desabafo.

Estando um dia, a sós, com um seu amigo intimo, este instou-o para que dissesse-lhe o que tinha, o que havia succedido.

Após alguns momentos de hesitação, tremulo e com a voz recortada por soluços, começou Julinho; Amo delirantemente a uma donzella; quero pertencer a ella, só a ella, mas não posso: faz hoje quinze dias que, louco, irreflectido, jurei constancia e fidelidade a uma outra. Sou uma entidade nulla: de um lado, o juramento prestado, e suas consequencias funestas, si o quebrar; de outro lado, a minha vontade, a minha inclinação. Faz hoje quinze dias que assignei a minha sentença de morte. Sou um desgraçado!

S. Paulo—Junho de 89.

JOAPINO.

A flôr

Como adoro e estimo esta linda flôr! Foi-me dada por aquella mão que, ás vezes, tenho impetos de beijar!

Quando não a vejo, basta mirar aquella flôr para, nella vêr, esculpturada de um modo brilhante, a sua bella e divina imagem!

A. TRALUOG.

Contos ligeiros

UM SONHO

Sonhei que vi-te morta!

Mesmo em sonho foi tanto o meu pranto, que acordei-me com as faces banhadas em lagrimas!

Eis uma prova do amor sincero que eu te dedico!

Eis uma prova desse amor de que só me poderei separar, quando o horrivel espectro da morte levar-me para aquelle logar gélido e solitário... a sepultura!

ADEUS !

Adeus, formosa Délia de minh'alma!

Prenda linda dos céos!... vai... sê feliz...

que por ti pedirei, em noite calma

as venturas que Deus no céo prediz!...

Vai... recebe dos anjos branca palma,

qual outra formosissima Beatriz,

emquanto meu espirito se acalma

das magoas que no mundo ninguem quiz!...

Vai... ao mundo offerece os teus sorrisos,

offerece de tu'alma as alegrias

e os apertos de mão nos dedos lisos...

porque aqui passarei as noites frias,

multiplicando a força da saudade.

— curto eaminho á eterna soledade!...

19 de Junho de 1889.

FRANCISCO AURELIO FILHO.

UMA FLOR

A JOANNINHA

Mimosa e gentil ella nascêra,

D'entre um ninho de folhas, perfumada,

E viveu e amou; sempre adorada!

Assim passou a vida a primavêra!

Mas um dia, meu Deus, mão desastrada

A folhagem do berço dilacera,

E desabrindo a flôr, o sol viera

E lhe roubára a vida immaculada!

E desde aquelle instante a flôr pendida

Ao calor, sem orvalho, emmu rchecida,

Começou tristemente a desfolhar!...

Nascido, como a flôr, tinha no peito

Esse sonho d'amor, hoje desfeito

A um raio de sol do teu olhar!

J. MEDEIROS.

Nocturnos

Oh quanta miseria na vida humana! Emquanto uns choram, outros riem; emquanto uns concentram seu espirito, na investigação de uma verdade scientifica, outros o empregam inutilmente em pensamentos banaes; emquanto uns, de violão em punho, entoam cantos chistosos, como que demonstrando sua alegria habitual, outros procuram tenazmente dissecar um cadaver, que os acompanha em todos os seus passos—a descrença!

E, entretanto, tudo é assim.

O homem, muitas vezes, quer transpor essa barreira que lhe tranca as portas do futuro; mas, quando está prestes a despedaçar esses elementos inteiramente materiaes, apparecem outros ainda mais terriveis, e que até mesmo tornam-se invisiveis ás vistas do espirito.

E então, vence ou é vencido; combate com o inimigo mergulhando nas trévas; a sua intelligencia torna-se infensa á verdade, ao justo, ao honesto, e deixa-se predominar pelas mil phantasmagorias de sua imaginação.

Chegado a esse periodo em nada elle crê, diz-se sceptico.

Caminha, mas seus passos são mal seguros.

Quer em sua passagem arrimar-se ao arvoredor que encontra, e esse vegetal que elle crê hospitaheiro, dilacera-lhe as carnes.

Ainda assim, tenta proseguir, mas a cada passo, sente faltar-lhe o terreno de sob os pés.

Lança então um olhar no infinito dos céos e divisa uma estrela que parece compadecida de seus soffrimentos. Fita-a com todo o interesse. Ella o envolve com seu manto luminoso, paralysa seus movimentos, pensa em suas feridas ainda gottejantes!

Elle, o ente repellido pela deusa—a humanidade, adormeceu em uma somnolencia contemplativa; porém nesse dormir que nada mais é senão um vago delirio, elle vê distinctamente aquelle que o salvou, debatendo-se com um phantasma horripilante, negro, como as trévas, com os olhos injectados de sangue, com os cabellos eriçados, a barba esquelada e a postura do rosto medonha e má!

O espirito das trévas combatia vigorosamente, mas tudo era baldado. Bradava por todos os elementos destruidores, mas todos elles se lhe tornaram recalcitrantes. Esmurrava as abobadas dos céos, mas só encontrava o vacuo insondavel do infinito.

Quereis saber, charo leitor, o que representavam—essa estrela dos céos e esse phantasma pavoroso das trévas? Essa estrela representava—a esperanza, e esse phantasma—a descrença, concretisada n'uma illusão passageira.

S. Paulo, 20 de Junho de 1885.

NOTICIARIO

PARTIDA

Com o fim de dedicar-se ao estudo de engenharia, partirá, por estes dias, para a Europa, o nosso amigo sincero e collega dedicado sr. José Silveira Campos.

Conhecer um caracter de fina tempera, um coração despido de mesquinhasias, só é dado a quem com elle manteve relações amistosas.

A sua partida vem trazer aos nossos corações—tristeza e alegria. Tristeza, porque, por alguns annos, não teremos a dita de fruir da companhia daquelle que conseguiu captar os nossos corações; alegria, porque elle vai educar o seu espirito lucido e deste modo cooperar para o progresso da nossa patria.

Que as auras da prosperidade levem-n'o e tragam-n'o em dulcissimas azas.

Terminando, dizemos com o grande vate latino: «Navis quæ tibi creditum debes amicum: reddas incolumnem precimur.»

CONEGO MANOEL VICENTE

Consta-nos que os alumnos da Eschola Normal, movidos pelo ingente sentimento da gratidão, vão offerecer um presente ao illustrado sacerdote conego Manoel Vicente da Silva que, durante o tempo em que se achava a seu cargo a direcção daquelle estabelecimento, soube manter-se dignamente, tendo como divisa:—justiça, zelo e honestidade.

Merece louvores este procedimento correcto dos normalistas.

Acham-se na capital o sr. dr. José Roberto Leite Penteado, muito digno juiz substituto de Mogy das Cruzes, e o sr. José Pedro Xavier, importante fazendeiro em Amparo.

CASAMENTO

Brevemente unir-se-ao pelos laços matrimoniaes a exma. sra. d. Maria Goulart Penteado, interessante prima do nosso collega de redacção Arthur Goulart, com o sr. Eugenio da Motta Paes, ambas intelligentes professores em Itaquaquecetuba.

Mil venturas e interminavel lua de mel desejamos aos jovens nubentes.

ENFERMO

Tem estado enfermo o distincto cidadão sr. alferes Virgilio Goulart Penteado, pai do nosso collega A. Goulart.

Desejamos ao illustre enfermo as suas melhoras.

«O NEOPHYTO»

Por motivo de molestia de um dos redactores, sr. Arthur Goulart, deixou de sahir o *Neophyto* no dia determinado.

Por esta falta involuntaria pedimos desculpas aos nossos assignantes.

IMPRESA

Recebemos: *A Gazetinha*, *O Patriota*, *O Iris Juvenil*, *O Imparcial*, *O Guttemberg*, *O Labaro*, *O Telescopio*, *O Echo Municipal*, *A Opinião*.

A todos esses collegas, que nos honraram com a sua permuta, os nossos sinceros agradecimentos.

Acha-se entre nós, vindo da côrte, o sr. dr. Jesuino Antonio Ferreira de Almeida.

Expediente

O «Neophyto» será de publicação puinzenal.

ASSIGNATURA

CAPITAL

Trimeste. 500

INTERIOR

Trimeste. 600

Numero avulso: 60 rs.

Escriptorio e redacção
rua do Commercio, 45—

S. PAULO.

